

CRÍTICA LITERÁRIA EM VLOG:

TENSÕES E DESLOCAMENTOS NOS ESPAÇOS DA CRÍTICA

Andréa Paula Oliveira de Carvalho¹

Resumo: Estado "agonizante" ou "morte" da crítica são, assim, os termos que os críticos literários têm se referido ao trabalho crítico. Mas descortinando esse viés alarmista e plafletário como também dessa possível "crise", esse artigo pretende investigar como o *Vlog* surge, emergencialmente, e tenciona ainda mais os espaços da crítica, modificando seus meios de produção e publicação. Entre mercado e literatura, o *Vlog* se constitui como um propulsor de uma produção crítica cheias de elementos específicos do capitalismo e se coloca antes de tudo como produto. O *Vlog* se constrói como modelo que dialoga diretamente com o mercado e abarca tanto os textos canônicos e não canônicos, e possibilita a discussão dos mais variados assuntos que permeiam o meio literário se tornando mais uma opção, mas que dessa vez parece possível e acessível à todos, tencionando e deslocando uma crítica que por muito tempo passou ao largo da maior parte da população e que hoje encontram-se restrita no ambiente universitário e pontualmente publicados em jornais e em blogs.

Palavras-Chave: Vlog. Crítica Literária. Mercado.

INTRODUÇÃO

Depois de mais de quatro anos no grupo pesquisa de estudos filológicos da Universidade Federal da Bahia, resolvi abandonar à equipe para mergulhar de vez nos estudos literários. A literatura sempre foi minha paixão e motivo pelo qual eu havia feito licenciatura em letras vernáculas. Mudar naquele momento foi essencial para me impulsionar a ler e a escrever quase que gratuitamente. Dentre tantas questões que foram surgindo ao longo da minha trajetória, uma passou pela necessidade de conhecer e me debruçar mais sobre a crítica literária brasileira, que segundo alguns teóricos passam por um momento de "crise" aguda.

A disciplina de crítica literária no Brasil me fez refletir sobre a tal da "demissão da crítica" é o título de um famoso panfleto publicado por Paulo Franchetti, texto lido no lançamento do número 7 da revista Sibila, no dia 12 de abril de 2005. Apesar de se tratar de um texto de comunicação, percebe-se o abandono da dicção acadêmica em face à abordagem alarmista e extremada, o que poderia, sim, na falta de uma melhor opção chamá-lo de panfletário, tendo em vista a reflexão da problemática em questão e do iminente "desaparecimento" da crítica literária na contemporaneidade.

Mas eu percebi que dentro do debate atual não era somente Paulo Franchetti que parecia lamentar e prever apocalipticamente o futuro da crítica. Segundo Leyla- Perrone- Moises, a crítica se

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: andrea_paula17@hotmail.com.

encontra em "estado agonizante", uma "prática em vias de desaparecimento", em texto publicado em 1996 no jornal Folha de São Paulo. No entanto, essa afirmação, não menos panfletária, não será suficiente para manter o debate sobre o modo que tem se processado a crítica na atualidade. A busca tem que ser pela visão investigativa e não tentar somente resgatar valores tradicionais que a pós-modernidade² parece não comportar.

O que se pode afirmar é que a crítica perdeu espaço em algumas instituições como, por exemplo, O Suplemento Literário" de O Estado de São Paulo ou os rodapés literários, ou mesmo o Folhetim. Essa mudança é causada, principalmente, pela perda de centralidade dos estudos literários. É necessário, portanto, repensar como a relação entre estudos literários e estudos culturais fazem suscitar um outro comportamento perante aos objetos culturais, que tem potencializadas as possibilidades interpretativas. Dentro dessa mesma discussão, Eneida Souza (1998, p. 77), escreve um texto para discutir o "não-lugar" da literatura frente a abordagem dos estudos culturais e conclui que existe um preconceito na relação entre o conceito de literatura e o de classe social assim afirma:

A luta por territórios e a posição defensiva da crítica contra a falta de critérios de valor na escolha dos objetos culturais revelam a necessidade de controle desse estado de turbulência, no qual a literatura se acha inscrita. E se, atualmente, a abolição de hierarquias discursivas corresponde ao semelhante descrédito diante das diferenças entre classes sociais, tais como o juízo do gosto e da preferência estética, como entrar na discussão dos valores da arte e da literatura a partir de parâmetros que fogem do controle institucional e participam do jogo competitivo do mercado? (SOUZA, 1998, p. 82).

Essa perda de centralidade deve-se, principalmente, aos estudos interdisciplinares, que através do trânsito entre diferentes campos do saber possibilitaram a diversificação dos objetos de estudo. Como confirma Souza, (1998, p. 21) "A antropologia de Levi-Strauss, a psicanálise de Lacan, a leitura sintomal de Althusser, para citar algumas das tendências, contribuem para o diálogo que a crítica literária francesa irá manter com outros campos do saber".

Os críticos literários se veem diante de uma "crise" por que passa a disciplina e a causa está, justamente, nas transformações culturais e políticas das últimas décadas. Essas transformações não estão restritas somente ao campo da crítica literária como também abrangem a área das ciências humanas como todo. Esse fator corresponde à diluição e abertura epistemológica e ao enfraquecimento dos territórios. Tendo em vista a "ameaça" dos estudos culturais que tem invadido

² O pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia - seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na teoria estética, na psicanálise, na linguística ou na historiografia. HUTCHEON, 1991, p. 19.

as academias e interferido nos estudos literários e comparativistas, sendo, portanto, esses estudos considerados os responsáveis pelo deslocamento e pelo descaso atual da literatura, retirando-a da sua devida importância.

Com o mundo globalizado as teorias estrangeiras atravessam sem muitas barreiras os lares acadêmicos. A maior causa desse conflito nos caminhos percorrido pela crítica é a influência dos estudos culturais de origem anglo-saxônica, e hoje também sendo desenvolvido nos Estados Unidos. É esse fato que supostamente estaria ameaçando os estudos literários e corrompendo o objeto de análise modificando a teoria literária. Assim, segundo Eneida Souza (1998, p. 68), a mudança do centro produtor de saberes ligado às ciências humanas- que se desloca dos Europa para os Estados Unidos- considerando é claro a Europa a principal fonte de princípios norteadores e desconstrutores da teoria literária, ainda se reflete num fato a ser observado por diversos teóricos, contrários às transformações por que passa o campo dos estudos literários.

Mas a reação dos críticos frente ao debate sobre os estudos culturais e suas principais consequências não se resume à postura dos críticos brasileiros, encontram-se nos representantes europeus e entre os próprios norte americanos. Eles se manifestam insatisfeitos não somente com a "perigosa" diluição do objeto de análise, como também com a presumida ausência de rigor teórico e sistematização metodológica, "provocada pelas influências das teorias da multiplicidade, da desconstrução e da descontinuidade pós-estruturalista de Gilles Deleuze e Guattari, Jacques Derrida e Michel Foucault, referências as quais foram também importantes para que os americanos fizessem uma releitura." (SOUZA, 1998, p. 21).

Em uma reflexão acerca do momento atual da crítica, João Cezar de Castro Rocha em seu texto *A crítica literária e seus descontentes* publicado em 2014, pela Revista Brasileira, traz à tona o posicionamento de críticos e teóricos que para ele convertidos em apressados coveiros revelam seus critérios em estágio ultrapassado e afirma:

É isso mesmo: literalmente, seus critérios pertencem ao século passado, pois os pressupostos que ajudaram a estabelecer os princípios da teoria e da crítica literária foram desenvolvidos a partir da revolução modernista e das conquistas das vanguardas históricas (ROCHA, 2014, p. 1).

Assim, pude perceber que boa parte desses estudiosos ainda permanecem presos nas noções formuladas no início do século XX, o que não adianta simplesmente afirmar a "morte" da crítica, colocá-la em um lugar "prontamente acabado" sem analisar as devidas proporções de onde e como e em que meio elas se encontram e se estabelecem no contexto atual. Para Rocha (2014, p. 1), "a reinvenção da crítica hoje em dia, assim como o reconhecimento da Literatura Brasileira

Contemporânea exige nova perspectiva, capaz de desconstruir a potência da circunstância que nos cabe entender e talvez transformar."

Em um dos capítulos de seu livro *O cosmopolitismo do pobre* (2004), Silviano Santiago discute a ideia do caráter atual da crítica e suas relações entre produtor/ produção literária e o espaço de circulação de ideias de uma escrita não especializada. E um dos pontos de sua discussão é tentar repensar em como escritores e críticos especialistas (universitários) podem de maneira mais sistemática participar em benefício da (literatura, da universidade, da imprensa, do público e até mesmo em benefício próprio) das páginas dos grandes jornais e revistas de circulação nacional e internacional.

Para Santiago (2004, p. 156), o "beco sem saída" encontra-se de um lado pelo gênero ensaio e do outro a crítica literária participante, pois um fornece excesso de pedantismo e notas de pé de página; e do outro abandonou o exercício criterioso da razão e da sensibilidade tornado pelo seu caráter teórico- metodológico, especializadíssimo. Mas esse fator é consequência da história da imprensa escrita ocidental e a história da sua desliteraturização, assim, o que chamamos de literatura perde espaço e prestígio na imprensa semanal e dá lugar ao cinema, cadernos de culturais, que dialogam diretamente com as condições do mercado e, não somente, mas também com a produção do saber, nas palavras de Santiago (2004, p. 113):

Dentro dessa perspectiva geral, uma das contradições insolúveis da vanguarda (científica, artística e tecnológica) periférica contemporânea encontra no cinema uma metáfora radical para o estágio periclitante em que ela vive, já que o cinema aponta para dois pólos que a sustentam, tanto a indústria quanto o saber. SANTIAGO, (2004, p. 113)

Hoje, ainda circula nos grandes jornais da internet, uma crítica especializada, e também os centros universitários fazem e publicam em revistas específicas, anais e em *sites*, da própria universidade, as suas produções críticas. Esses diversos gêneros, meios e suportes diluem mais ainda o espaço da crítica e entra em concorrência com outras formas de artes: o cinema, as telenovelas, a música, seriados formas amplas divulgação e popularização.

É comum, no entanto, que os críticos encontrem outras maneiras de lidar com as novas construções tecnológicas da pós-modernidade, ou seja, busquem outras alternativas de divulgação e publicação do seu trabalho, menos formal, de fácil acesso e sem barreiras institucionais. Tendo em vista, todas essas questões, que de alguma maneira, o meu trabalho começou a se desenvolver, indagações como: será que a crítica literária sofreu essas mudanças porque o mercado não abarcava sua produção naquele formato mais antigo? Seria preciso surgir uma crítica nova que como já observou Benjamin na arte precisaria estar relacionada a sua reprodutibilidade técnica e também na

coletividade? O que posso destacar é: o fato de termos hoje publicações em *blogs*, *Twitter*, *facebook* e o objeto mais recente os *vlogs*, que incrementam os estudos literários no Brasil. E é sobre este último que se debruça este artigo, pois após ter em vista essa crise, o que seria o *vlog* de crítica literária dentro desse novo contexto atual? Como e por que continuam surgindo lugares alternativos de publicação de crítica literária, como o *vlog*, se a crise permitiria a "morte" ou o "desaparecimento" dela?

É Nesse viés e dentro dessa problemática que se justifica esse trabalho, objetivando analisar o “comportamento” funcional e estrutural de uma produção emergente nessa sociedade tecnológica, conhecido como “*vlogs*” ou “*Vídeoblogs*”, refletindo sobre essa nova ferramenta de comunicação utilizada, hodiernamente, pelos (novos) críticos literários brasileiros, apresentando suas problemáticas de definição e sua constituição.

O VLOG ENQUANTO ELEMENTO TEXTUAL: ALGUMAS PROPOSIÇÕES

Instigada pelos assuntos de gênero textuais e seus suportes na disciplina Gêneros Textuais de Língua Portuguesa na UFBA, me vi, novamente, na busca de compreender um pouco mais sobre as teorias que, de alguma maneira, abordam os seguintes temas, que passam pelos meios e modos de produção e divulgação de textos. Nessa disciplina, feita ainda no período da graduação foi que encontrei o meu objeto de estudo do mestrado. Sabendo que continuaria meus estudos em crítica literária no Brasil, pois se tornou para mim algo de muita paixão e incitação, comecei a escavar uma possibilidade de trabalhar qualquer gênero que me viabilizasse essa via de mão dupla: entre gêneros textuais e crítica literária.

A pedido da professora começamos a procurar gêneros não tão convencionais socialmente, como, por exemplo, o grafite de banheiro, panfletos pregados em ônibus, memes da internet. Foi quando percebi que já assistia e seguia o *vlog*, mas ainda não sabia ao certo se tratava de um gênero ou suporte, esse fato é que vai caminhar para minha busca de compreensão desse novo espaço literário, perpassando por diversos elementos que inclusive deixaram de ser mais linguístico e passaram a ser mais literário.

Não sabendo ao certo se tratava de um gênero ou um suporte, fui pesquisar mais a fundo tais conceitos. Assim, segundo Bakhtin (apud ELIAS, V. M; KOCH, I. V. 2006), os gêneros textuais são uma construção comunicacional que possuem uma estrutura previamente definida pela sociedade (o que se convencionou chamar de “plano composicional”), uma função comunicativa (“conteúdo temático” - não se confundindo nesse caso com o assunto do texto) e um “estilo”. O Plano Composicional

refere-se à organização e à sequenciação estrutural do texto. A estrutura é o que lhe confere um formato de reconhecimento.

Já o suporte é a materialização física do gênero, ou seja, a superfície a partir do qual o gênero é veiculado. A ideia aqui expressa comporta três aspectos:

- * suporte é um lugar físico ou virtual
- * suporte tem formato específico
- * suporte serve para fixar e mostrar o texto

O vídeo é um instrumento no qual está incluído o *vlogueiro*. Esse poderá ou não se valer da potencialidade cinematográfica do vídeo, pois a montagem pode produzir uma finalização complexa com jogos de imagens, de sons, de textos, de vídeos e até mesmo pode conter uma propaganda de alguma marca na qual a empresa que financiou tenha tido o interesse, visto que dependerá exclusivamente da quantidade de acessos e seguidores que eles obtenham por mês. Sem contar a localização do próprio site, que incluirá na mesma página outros vídeos, permitindo a visualização imediata também dos comentários.

No entanto, a problemática de definição do *vlog* como um gênero ainda nos é presente. Embora a própria idealizadora, que no caso aqui específico é da Isabella Lubrano, jornalista que apresenta o seu canal *Ler Antes de Morrer*, assim, chame as críticas que faz aos livros de resenha, é perceptível uma autonomia do *vlog* muito grande em relação às resenhas convencionais, mesmo àquelas em que a construção textual tem o objetivo de ser o mais próximo do leitor (encontradas nos blogs, por exemplo).

Nesse caso, pensei no quesito suporte do gênero. Para Marchuschi (2006, p. 174, grifos do autor) suporte é um *“locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de gênero materializado como texto”*. No entanto, os suportes também cumprem um papel de categorização de um gênero textual, o que dificulta a observação do *vlog* como gênero: estamos falando aí de uma resenha com um suporte diferenciado ou estamos lidando com um gênero digital novo? Pelo complexo plano composicional que vimos até agora, podemos dizer que estamos frente a uma nova modalidade de gênero textual.

Pensando em crítica literária, essa resenha é feita de forma bem mais complexa, por isso não pode ser considerado, o *vlog*, apenas uma resenha oralizada ou uma resenha oral: aconteceu uma mutação que produziu o que entendemos hoje como *vlog*. O blog, por exemplo, não é o diário na internet, o email não é uma carta em meio digital, e assim o *vlog* não é um suporte nem caberia essa noção, pois o suporte para Marcuschi é a própria internet e o *vlog* não é um local estático, tem

propósitos comunicativos (as curtidas, os seguidores). Entender esses novos gêneros produzidos pela tecnologia é entender o gênero em seu aspecto múltiplo e não apenas com uma função, um propósito comunicativo, com apenas uma linguagem, mas no emaranhado de coisas (linguagem, imagem, gestos, sons, propósitos, funções), próprias das exigências da vida contemporânea.

A partir desse último fato acima, que comecei a questionar a partir do meu conhecimento Benjaminiano já dentro do mestrado. E comecei a ver o *vlog* não mais como um gênero, era insuficiente essa denominação pelo simples fato do conceito de gênero não incluir elementos tão essenciais no *vlog* como: as técnicas e os meios materiais que se conduzem para a produção desse espaço que estão para além dos suportes e de qualquer elemento composicional linguístico já conhecidos pelos gêneros.

Refletir sobre esses fatos e conceitos e percebi que o melhor era sair dos conceitos linguísticos e entrar os nos conceitos literários como o da poesia concreta e sociais como o da reprodutibilidade técnica de Benjamin. Isso me fariam ir num teor mais amplo e complexo exigidos pelos *vlogs* de literatura, também conhecido como bookturbe, nome dado exclusivamente a *vlogueiros* que trabalham com crítica literária de forma ampla. Mas o que é o *vlog*? Qual o seu conceito?

O conceito que este trabalho aborda sobre o *vlog*: é aquele cuja junção se dá através da abreviação *vídeo + blog*, pois o gênero se constitui num *tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos* (Disponível em: www.significados.com.br/vlog/ acessado em: 17/10/2016). Os meios de comunicação eletrônicos têm um papel importante no que se refere às práticas sociais e culturais hoje. A divulgação e a utilização desse espaço que se tornou algo tão avassalador, possibilitou uma confluência rápida, prática e, por que não dizer mais acessível ao conhecimento.

Assim, para se observar o *vlog* enquanto espaço diferencial no meio desse turbilhão de informações que caracterizam os espaços digitais, o presente trabalho o interpretará enquanto instrumento usado pelos novos críticos literários brasileiros, que marcam, por assim dizer, um híbrido contexto da crítica literária na qual jamais poderia ser pensada na década de 40 e 50, dessa maneira, pois o formato e a flexibilização das vozes por onde ecoam essas outras formas de pensar e agir são hoje a marca dessa diluição da crítica, frutos do avanço tecnológico e da popularização da internet com uma conexão mais rápida .

O *vlog* é construído no que chamo de *zona cinestésica*. Cinestesia diz respeito à senso-percepção dos movimentos corporais em relação ao ambiente à sua volta (Disponível em: <<<http://www.psiqweb.med.br/>>>). A zona cinestésica é tentativa de dominar a consciência que

temos do próprio corpo e tudo que está a sua volta direta ou indiretamente, e envolve as diversas partes e segmentos instrumentais que estão envolvidas as diversas partes de sua montagem, inclusive a técnica, ela se encontra no meio fluído entre o ato, o meio, os utensílios, a dispersão e sua tração que envolve a recepção, mas não se restringe a ela. O que diferencia da performance, pois a performance diferentemente da *zona cinestésica* não pode ser montada sobre um olhar cinematográfico, porque nela não está embutido os aparelhos que lhe permite a captura e o armazenamento.

Segundo Zumthor, (2005):

Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. 2 O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental [...] A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido (ZUMTHOR, 2005, p. 86-7).

Assim, para Zumthor (2005), a ideia de performance sempre esteve no centro da teoria do texto poético oral. Com o passar dos anos, o termo performance se tornou um fenômeno da comunicação, sendo estudada em diversas áreas e percebida em qualquer manifestação de linguagem, seja ela oral ou escrita.

A performance pode ser entendida como a tentativa dos indivíduos em ultrapassar os eixos da linguagem que já foram preestabelecidas socialmente. Encontrar uma maneira não estruturalista da linguagem, estabelecer signos diversos e encontrar como na linguagem poética algo para ser sentido e não passível simplesmente de uma explicação.

Essa é a produção de um espaço que tem tantos elementos que convergem para um único ponto que não permite mais que simplesmente se encaixe em qualquer teoria linguística de definições lineares e estruturais, ela requer mais devido à sua complexidade e principalmente construção no eixo de montagem que requer uma nova gramática textual concreta. Para pensar melhor sobre esses elementos me permito trazer dois conceitos: o da tradução intersemiótica e da poesia concreta.

Começarei pela última: a poesia concreta. A teoria da poesia concreta que trago como método de leitura desse artigo se restringe aos trabalhos muito específicos de Augusto de Campos, Décio Pignatári e Haroldo de Campos, principais autores responsáveis pelo marco inicial do concretismo no Brasil. Esse movimento marcou e mudou profundamente a história e reflexão sobre as formas e os conteúdos dos poemas brasileiro e mundiais, e, tem como principais características gerais o banimento do verso, o aproveitamento do espaço do papel, a valorização do conteúdo através de

diversos ângulos. Fatos teóricos que me serviram para pensar o *Vlog* e suas dimensões que transborda o campo visual de linguagens.

Nesse sentido, formas, conteúdos e instrumentos se tornam para mim algo crucial, pois todos os elementos são responsáveis pela significação. Segundo Koffka (apud DÉCIO, 1975, p. 86):

Não podemos resolver nenhum problema de organização, se nos dispomos a resolver cada um de seus pontos separadamente, um após o outro: a solução tem de vir para o todo. Vemos dêsse modo, que o problema da significação está intimamente ligado ao problema da relação entre o todo e as partes. Já foi dito: o todo é mais do que a soma de suas partes, já que somar é um processo sem sentido, enquanto que a relação todo-parte é cheia de significado" (KOFFKA, apud DÉCIO, 1975, p. 86).

Mesmo que, para o homem, a capitação de "um todo" seja uma coisa praticamente impossível, vale sempre a reflexão dada pela própria incapacidade de completude, mas uma certa consciência de sua infinitude. Como na cartografia, a cada posição se privilegia uma parte específica do campo da terra, sendo impossível perceber o todo sem algum tipo de perda em específico. Mas privilegiar um campo pode e deve ser um ato político, por isso, a medida que avançamos e tomamos impulso a novas descobertas, essas devem ser mediadas pelo sempre senso crítico de democratização do conhecimento como também posicionamento econômico e político com uma visão diferenciada e mais igualitária.

Depois de fazer essa breve reflexão de como um posicionamento teórico e uma teoria são apenas formas de olhar o mesmo objeto e requer uma postura de impossibilidade real de sua capitação, dentro em vista que, tudo são pontos de vista, que ao mesmo tempo que esclarece, nos ajuda a avançar, como também, nos aprisiona e nos estaciona, portanto, vou agora pôr em diálogo com teoria da intersemiótica, estudada pelo teórico Julio Plaza (2003).

Eu também estudei esse texto na disciplina de literatura e outras artes, na qual eu já havia estudado a poesia concreta. Ao diferenciar as linguagens entre literatura e cinema, cinema e teatro, música e poema e pintura e fotografia, comecei a notar como é constante a necessidade do ser humano de reinventar, se apropriar, reproduzir de formas diferente o mesmo objeto, tema, arte dentre outros. Segundo Roman Jakobson (apud Plaza, 2003, p. 6):

A tradução intersemiótica ou "transmutação" foi por ele definida como sendo aquele tipo de tradução que "consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistema de signos não verbais", ou " de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura, ou vice e versa, poderíamos acrescentar. (JAKOBSON, apud PLAZA, 2003, p. 6).

Para mim, esse fato é importante para entender como a crítica literária sai das resenhas, dos suplementos literários, dos ensaios, dos rodapés literários e migram para vlog ou booktube, como assim são chamados os indivíduos que se ocupam da literatura no meio digital em vídeo. Quais os

ganhos e as perda dessa nova linguagem? E como ela deve ser entendida como: repetição com variação. Cada linguagem tem seus elementos que à tornam de alguma maneira importante e diferencial. Não as hierarquizar é a melhor forma de compreendermos os objetos que estão disposto socialmente e isso não significa que não deva ser criticada minimamente, mas não é como muitos acreditam ser uma abominação, uma visão simplista e também alarmista que não só não explica como se distanciam da ciência, quando parte para adjetivações que não corresponde o caráter científico de interpretação de uma obra, que deve ter o mínimo de distanciamento para não ser levado pelas emoções.

O FAZER CRÍTICO/LITERÁRIO NO VLOG: ALGUMAS PROPOSIÇÕES SOBRE O TRABALHO DA JORNALITA ISABELLA LUBRANO EM SEU CANAL LER ANTES DE MORRER

A Isabela Lubrano é jornalista midiática, e é um exemplo de booktubers na internet. O nome do seu canal no youtube é *Ler antes de Morrer*, no qual é foco desse trabalho. Todos os vídeos são contabilizados, como, por exemplo, *Dom Casmurro, de Machado de Assis (#54)*, nota-se no final do nome de cada livro a inscrição *hashtag* e o número da quantidade de livros que ela já conseguiu ler até o momento, mas por que isso? Esse fato se deve as primeiras ideias para criação do canal, que realizou-se a partir de um questionamento da criadora ao passar em frente a uma livraria e ver um nome de um livro *1001 livros para ler antes de morrer* e pensou: será que é possível alguém ler essa quantidade de livros? Foi nessa expectativa que o canal foi idealizado a fim de tentar ler o maior número de livros possíveis e compartilhar essa experiência com os internautas; o nome do canal passou a ser *Ler antes de morrer* e a cada semana a idealizadora lê e crítica um livro.

Essa é uma leitura forjada pelo capital, pois o tempo de leitura não é o tempo de reflexão da obra, e, quantidade não implica em qualidade. Essa necessidade de ler sem mesmo pensar no tempo de debruçamento dessa da obra está incutido na pressão de mercado. Assim, para se aproximar de um grande público, o *booktube* se constrói como um gênero cuja linguagem é uma conversa informal, uma linguagem cheia de elementos de retórica. É importante destacar que esse é um tipo de crítica em que, o leitor, é quem escolhe muitos dos livros para ser resenhados nos canais, esse é um dos aspectos importantes do *vlog* o que vai possibilitar os mais variados tipos de textos.

O Vídeo que trago para interpretação neste artigo é a análise do livro "*Cinquenta tons de Cinza*". A Isabella Lubrano convida uma jornalista especialista em educação sexual para falar sobre obra junto com ela, tendo em vista, que o livro gerou muitas polêmicas e que precisava de alguém que tivesse feito uma investigação mais específica da obra. A jornalista, sobre o nome de Nathalia

Ziemkiewicz, tem um *vlog* chamado *Pimentaria* e um *blog* chamado *Na Pimentaria*. Segundo a própria especialista o site é mais que um *blog*, é uma marca de informação sobre sexualidade. Nas palavras de Nathalia Ziemkiewicz:

[...] Eu sou jornalista, sempre trabalhei como repórter de comportamento, então eu resolvi me especializar. Como tem gente que se especializa em política e economia, eu fiz uma pós-graduação em educação sexual. E aí hoje eu tenho um blog, hoje não, há dois anos eu tenho o blog de pimentaria. Na verdade é um marca de informação sobre sexualidade sem blá, blá blá científico, né?! e com muito bom humor. (ZIEMKIEWICZ, 2015.)

Ziemkiewicz, havia feito há algum tempo uma pesquisa sobre a obra *Cinquenta tons de Cinza* que foi publicada na revista *Época*. A reportagem foi capa da revista e foram feitas um *print screen* do vídeo em que mostra exatamente o momento em que aparece a capa da revista sobre o título *Um pornô para mulheres* e também o momento que marcou a discussão entre Isabella e Nathalia:

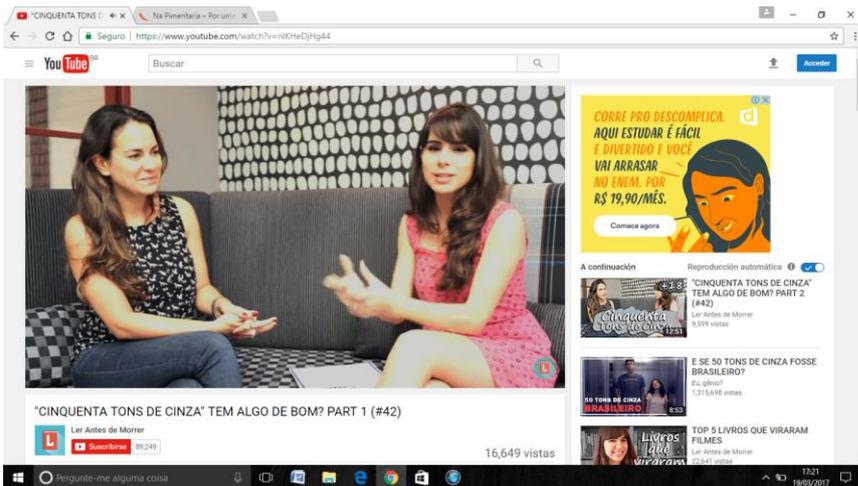
Figura 8 página do youtube com vídeo: "*Cinquenta tons de Cinza*" Tem algo de bom? (#42).



Fonte: cópia de tela do canal do youtube *Ler antes de Morrer*.³

Figura 9 página do youtube com vídeo: "*Cinquenta tons de Cinza*" Tem algo de bom? (#42).

³ Disponível em: < <http://www.youtube.com.br/>>Acessado em março de 2017.



Fonte: cópia de tela do canal do youtube *Ler antes de Morrer*.⁴

Pude constatar em pouco tempo que as intenções de quem faz tanto *vlog* quanto *blog* é fugir da linguagem acadêmica o que ela chama de "blá, blá, blá científico". Isso já foi muitas vezes discutido por Silvano Santiago (2004) que questiona que a crítica perdeu seu maior espaço em jornais devido ao que ele chamou de "beco sem saída" de uma escrita que está em imersa num caráter teórico metodológico especializadíssimo, reflexão feita por mim no início desse trabalho, quando me deparei com o estado atual da crítica e sua possível crise.

A Isabella (2015) e Nathalia (2015) em diálogo destacam a obra *Cinquenta tons de cinza* de E. L. James, como uma obra que não merece o status de texto literário e afirma:

Isabella: É polêmico[...] é polêmico.

Nathalia: É polêmico é polêmico.

Isabella: Tanto do ponto de vista do conteúdo, né?! sexo é muito quente, tal, quanto do ponto de vista literário porque quem entende de literatura, quem gosta de falar de bom livros e boas obras, geralmente, torce o nariz.

Nathalia: Exatamente! [...] É o que eu costumo dizer que literalmente o livro é bom, literariamente não.

O best-seller: literatura ou não? A discussão e definição do que é ou não literário sempre foi uma preocupação da crítica literária que impôs seus limites e seus alcances. A produção contemporânea é tão contundente e complexa que nas últimas décadas o caráter literário dos bestsellers precisou ser discutido com mais afinco. Segundo Terry Eagleton (1997, p. 12), “podemos pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escrita [...]”, não se sabe exatamente a respeito do que é literário, uma vez que “não existe uma ‘essência’ da literatura”. Eagleton (1997) ainda propõe que não há consenso entre o literário e assim é “qualquer tipo de escrita que, por alguma razão, seja altamente valorizada” (EAGLETON, 1997, p. 13).

⁴ Disponível em: <<http://www.youtube.com.br/>>. Acesso em: mar. de 2017.

Eagleton (1997) discute sobre o que vem a ser considerado literatura vai depender da linha teórica seguida pelos críticos literários e também do contexto de sua publicação. Ele chama de juízo de valor, fincados em questões ideológicas, de indivíduos e de grupos ou classes, que ditam regras do que vem a ser ou não literatura. Eagleton (1997) conclui dizendo que “se não é possível ver a literatura como categoria ‘objetiva’, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura” (EAGLETON, 1997, p. 22), ou seja: literatura pode e deve ser também aquilo que queremos que seja literatura, contudo, isso não deve determinar objetivamente o que ela é.

O sucesso dos bests sellers é que muitas vezes fazem surgir novos romances como explicam as vlogueiras. O livro Cinquenta tons de cinza surgiu a partir da saga Crepúsculo, pois a escritora E. L. James escreveu seus livros inspirados na obra. Nas palavras das vlogueiras:

Nathalia: Pois é! ah! E. L. James era Dona de casa que escrevia *fanfiction*, aí ela começou apenas num romance a[...] em que o foco, o forte desse romance seria.. essa coisas mais pornô.

Isabella: *Fanfiction*! deixa eu esclarecer, é um tipo[...] é uma atividade de fã ne?! o nome ficção de fãs. É uma atividade que fãs de alguma obra faz muito sucesso, por exemplo, Harry Potter, Senhor dos anéis e a saga Crepúsculo que até trouxe aqui para vocês verem, tão famosa e tão polêmica, tão famigerada. *Fanfiction* é uma atividade de fãs, de escrever contos próprios, inspirados ficção que eles gostam.

Nathalia: São interpretações próprias das obras que eles gostam.

Isabella: E a L. James escrevia *fanfiction* baseada em Crepúsculo.

Nathalia: Engraçado imaginar né?! que Crepúsculo tenha gerado de alguma forma tenha sido a origem que acabou[...] com Cinquenta tons de cinza.

O *fanfiction* é a prova viva que o leitor é participante ativo do processo interpretativo de uma obra. Uma das definições encontradas para este gênero pode ser retirada de Black (2006, p.3) Apud Calvacant (2010):

Fanfiction é escrita na qual os fãs usam narrativas midiáticas ou ícones culturais como inspiração para criar seus próprios textos. Em tais textos, os fãs autores imaginativamente estendem o enredo ou a cronologia original [...], criam novos personagens [...], e/ou desenvolvem novos relacionamentos entre personagens já presentes na fonte original. Obs:[tradução feita por Calvacant, 2010].

O que se pode destacar é que o leitor faz a legitimação do texto do autor a partir do consumo. Assim, entende-se que o leitor passa a assinalar o ato de escrita do autor. Com Aranha (2009), o leitor contemporâneo pode ser compreendido como aquele capaz de legitimar o que pode ou não se chamar de literatura. De encontro a essa forma de agir e pensar muitos acadêmicos ainda insistem em ir contra essa ideia e assumem uma postura mais hermética do que vem a ser literatura, pois seu valor estar restrito ao meio intelectual e ali reside a ideia de que literatura se encerra na prática de estudo.

A literatura pode comungar com aquilo que Eagleton chamou de juízo de valor e assim, para ser considerada literatura, é necessário que determinado texto se encaixe no padrão dos críticos para serem legitimados por eles. O autor sinaliza que “pode variar o conceito do público sobre o tipo de escrita considerado como digno de valor” (EAGLETON, 1997, p. 15).

Os juízos de gosto, de valor ainda estão relacionados às ideologias sociais variadas, que impõem suas próprias maneiras de ver o texto, e cria uma barreira muito forte entre os possíveis leitores. Concorde-se com Eagleton quando afirma que “eles se referem [...] não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros” (EAGLETON, 1997, p. 22). Tem-se, portanto, uma gama de preconceitos pessoais que forjam suas qualificações, censurando os próprios textos antes de serem lidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, a internet se mostra um poderoso modelo de contradições, ao mesmo tempo que ela é emergente sobre forças combativas contra as tradições e sua imposição, ela favorece um poderoso instrumento de dominação. No entanto, é notável que há ainda um espaço paralelo aos veículos tradicionais, como, por exemplo, o *blog* e o *vlog*, que surgiram com força a se manter abastecendo um mercado de crítica literária que toma uma postura menos tradicional quando comparados a revistas especializadas e jornal diário. Cada espaço busca um diferencial e se mantém no estilo que busca utilizar o gênero e o suporte da melhor maneira, afim de abarcar os diferentes público leitor. O *vlog* surge como promoção do texto literário e busca de forma performática propagar o livro como objeto de valor estimável, pois são livrarias que patrocinam os canais, então, não há uma valorização, por exemplo, do texto em pdf, que é claro está disponível muitas vezes para download na internet sem custo financeiro.

Então, elementos como editora, volume, edição, são especificamente comentados nos vídeos e marcam essa preocupação que vai para além do conteúdo do livro e do estilo do escritor. O livro é um produto simbólico desejado caracterizado e faz parte de apelo há um mundo que segundo Lipovetky e Seroy (2015, p. 20) é um "mundo trans-tético, uma espécie de hiperate, em que a arte se infiltra nas indústrias, em todos os interstícios do comércio e da vida comum" e no caso aqui na crítica em *vlog* que usa estratégias estéticas com finalidades mercantil, produzindo sonho, mexendo com o imaginário e com as emoções, e assim artealiza a crítica e tudo que há compõe.

Mas, ao mesmo tempo, extrapola essa noção e abre para discussões sobre as questões mais profundas sobre o estudo do texto literário, como, por exemplo, seus aspectos de literariedade. Vai

ainda mais além, estuda os porquês de certas polêmicas e se envolve nas discussões culturais de livros que ainda teimam em não fazer parte da academia com a força que exige esses textos, pois por serem menosprezados não são devidamente estudados nem cientificamente pesados como deveriam o que aumenta entorno desses livros um ranço interpretativo e impede muitas vezes de possíveis leitores iniciar suas leituras e tornarem grandes leitores de textos diversos por vergonha de lê-lo porque se criou entorno desse ou daquele livro um apelo solitário de texto óbvio e vazio.

Há muitas queixas de críticos brasileiro sobre a falta do círculo ou clube de leitura nas escolas e nas comunidades. Mas no Brasil existe ainda um preconceito muito grande com obras que fazem grande sucessos como *Crepúsculo* e *Harry Potter*. Ao partimos desse aspecto, Gláucio Aranha (2009), em *Literatura de massa e de mercado*, destaca o pensamento de Walter Benjamin: “a obra de arte toma uma proporção coletiva não apenas por se dirigir a uma massa, mas também por ser custeada por esta, pela coletividade de consumidores” (ARANHA, 2009, p. 122). Assim, ele conclui que “a comunidade de leitores-consumidores passa a desempenhar um importante papel de legitimação” (ARANHA, 2009, p. 123). O que de fato pode-se concluir é que os círculos existem, mas não das obras que apeteçam os gostos e os critérios dos críticos tradicionais.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Gláucio. *Literatura de massa e mercado*. Revista *Contracampo*, n. 20, Niterói, RJ, UFF, agosto de 2009.
- BENJAMIN, W. *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*. In: *Magia e Técnica, Arte e política*. Obras escolhidas I. Trad. Rouanet S. P. São Paulo: Brasiliense, 1985D.
- ELIAS, V. M.; KOCK, I. V. *Ler e Compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- EAGLETON, Terry. *Introdução: o que é literatura?* In: EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FRANCHETTI, P. *A demissão da crítica*. *Germina Revista de arte e literatura*. Edição n 8, dossiê sobre o estado da crítica no Brasil. Abril, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.
- LUBRANO, ISABELLA. *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (#54). *Canal ler antes de morrer*. 18 de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cgEDCx6yq10>> Acessado em: 22 de mar 2017.
- LUBRANO, ISABELLA. *Cinquenta tons de cinza, tem algo de bom?* (#42). *Canal ler antes de morrer*. 18 de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cgEDCx6yq10>> Acessado em: 22 de mar 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Série Estratégias de Ensino 18. Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

PERRONE-MOSÉS, Leyla. *Que fim levou a crítica literária?* Em Especial para Folha. São Paulo, domingo, 25 de Agosto de 1996. Disponível em: <www1.folha.com.br> Acessado em 13 set de 2017.

SANTIAGO, Silviano. *O Cosmopolitismo do Pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 151 p (Humanitas).

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 169 p. - (Humanitas).

SIQUEIRA, Lidiane dos S. S. *Best-seller e literatura: uma análise da saga Crepúsculo*. Alumni- Revista Discente da UNIABEU. [online]. v. 2. n 4 agosto-dezembro de 2014. Disponível em <<file:///C:/Users/D3a/Downloads/1729-6171-1-PB.pdf>> Acessado em: 22 março de 2017.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Falando de Idade Média*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira (et all). Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Disponível em www.significados.com.br/vlog/ acessado em 17/10/2016.

Disponível em: << <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,fenomeno-dos-booktubers-difunde-classicos-literarios-para-publico-jovem,70001898464>>> Acesso em: 20 de ago. 2017.

Disponível em: <www.significados.com.br/vlog/> Acesso em: 17 de out. 2016.